

Opinião do Leitor

Câncer

A felicidade, diziam os antigos, é o que mais se busca. Hoje, os nossos velhos - os antigos de agora - dizem que é a saúde. Sem saúde, raramente há ânimo e trabalho. É bem verdade que foi a ausência de saúde que transformou o Vincent em Van Gogh - mas esta não é a regra. Aliás, como trabalhou o atormentado holandês! Que, mesmo sem saúde, cobriu telas e mais telas com a tenacidade de um lavrador e não ganhou patavinas enquanto, loucamente, trabalhava com divina lucidez as luzes. Pós-impressionista, pirou com o conterrâneo Rembrandt - e conseguiu colorir as cores! Mas é certo que sem saúde não há felicidade, ou, ao menos, que ela diminui muito - o que Van Gogh só confirmou. Mas, como dizíamos, esta não é a regra.

Câncer II

Se estamos combinados que a saúde é um bem que faz falta e que cada vez está mais difícil às pessoas conquistá-la, concluímos que as pessoas voltadas à saúde dos outros são nobres pessoas. Principalmente quando esta dedicação é desapegada de qualquer recompensa material ou reconhecimento público. É, realmente, mais nobre ainda, quando quem luta pela saúde dos outros fica nela tão anônimo quanto era ao entrar. Embora, claro, possa ficar mais feliz. Há quem encontre a felicidade exatamente nisso: ajudar os outros a encontrar a a sua! Bem, tudo isso aí acima é para dizer que você, caro leitor, pode transformar-se em uma nobre pessoa. Claro que você já é uma nobre pessoa, mas pode passar de barão a conde - digamos assim. Pode ajudar alguém e ser ainda mais feliz do que já é. E se o leitor ainda não tiver encontrado a felicidade, ao menos amenizará um pouco a própria dor amenizando a dor dos outros.

Câncer III

E olhe que é fácil. No dia 23 de agosto, a maior (adivinhel!) empresa mundial de restaurantes de hamburgers estará promovendo, no Brasil, uma campanha chamada McDia Feliz. Todo o dinheiro arrecadado com a venda do sanduícho irá direto para o caixa de alguma instituição de combate ao câncer infantil. No caso dos hamburgers vendidos em Porto Alegre, o dinheiro irá direto para o auxílio dos pequenos internos do Instituto do Câncer Infantil (ICI, instalado junto ao Hospital de Clínicas. No ano passado, foram vendidos 15 mil sanduíches no McDia Feliz. E no país inteiro foram arrecadados 1,7 milhão de reais.

Câncer IV

Falando nisso, você sabia que o ICI recebe de 300 a 400 crianças atingidas por ano? E que 70 por cento delas podem ser curadas se houver tratamento? E que os empresários podem comprar *antecipadamente* o número que quiserem de sanduíches? Faça o seguinte: sorria na frente de um super-hambúrguer no dia 23, lembrando o sorriso de uma criança livre da doença - e cheia de cores! (V.R. *Voluntário do ICI na campanha McDia Feliz, Porto Alegre*).

Cônsul

Quero ressaltar a dignidade e o dinamismo com que Inigo de Palacio Espanha desempenhou as funções de cônsul geral de seu país neste Estado e em Santa Catarina. O diplomata teve atuação excelente em todos os setores. Destaco os aspectos culturais e educacionais. Nisso, a Espanha continua a tradição de ter incentivado as universidades e a imprensa desde o descobrimento dos atuais países de origem hispânica. (Mainer Longhi, *Instituto de Letras e Artes da PU-CRS*).

E-mail: redacao.jc@ez - poa.com.br.

Crítica à pesquisa eleitoral

Roberto B. Calazans

Um dos fatos mais marcantes dos processos eleitorais, tem sido, por um lado, a crescente importância atribuída aos prestigiados institutos de pesquisas de opinião, os quais fornecem um produto específico para sociedade e pautam o noticiário político na mídia. De outro lado, torna-se crescente a crítica à forma de utilização das pesquisas de opinião, já que influenciam o voto, criam polarização entre determinadas candidaturas e reduzem o debate político à simples reafirmação (ou crítica) das últimas tendências eleitorais indicadas pelas pesquisas de opinião. Fora do campo político, é difícil negar a cientificidade das pesquisas de opinião, ainda que sejam pertinentes as críticas quanto à necessidade de transparência, ao "time" político de sua divulgação, etc. Contudo, uma das principais críticas refere-se, ainda, ao fato dessas pesquisas podem influir no voto do "eleitor médio", o que representaria a fragilização do processo de escolha da representação política. Mas esse ponto não nos parece abarcar um outro aspecto crucial da questão.

Como bem observa Bourdieu, a pesquisa de opinião é um instrumento de ação política, cuja funcionalidade consiste impor a idéia de que existe uma opinião pública constituída. As pesquisas de opinião são concebidas com base nas seguintes postulações: 1) que existe uma opinião pública formada; 2) que é possível tipificar tendências sobre as intenções de voto do eleitor; 3) que todas as opiniões são homogêneas e tenha a mesma carga de valorização; 4) que são neutras e objetivas, livres de pressões externas dos agentes privados(...).

Em primeiro lugar, supor que a opinião pública está formada implica centrar toda a análise das tendências eleitorais nas respostas afirmativas, ignorando a dimensão dos eleitores indecisos e das não-respostas e o próprio dinamismo do processo eleitoral. Assim, a insistente procura por tendências de voto pode criar uma falsa expectativa na sociedade sobre a convergência do processo eleitoral, desviando a cena política para simples polarizações entre as candidaturas mais fortes. É, por isso, que as pesquisas não conseguem captar a dimensão dos votos não vá-

lidos, ou fenômenos de votação, ou mudanças de intenções de voto no período próximo à votação (os "ajustes" acabam se processando somente nas pesquisas de boca de urna) (...).

Em segundo lugar, supor que a utilização das pesquisas é neutra e que a objetividade de sua construção garante simplesmente sua isenção é recair num exercício puramente positivista, apagando a dimensão das relações que se estabelecem entre os agentes políticos. A suposição de neutralidade das pesquisas reafirma simplesmente a velha idéia de que existe uma opinião individual atomizada, do tipo Robinson Crusoe. Na realidade, não existe opinião individual sem a pressão da opinião coletiva concebida por grupos sociais, ou ainda, criada pelo poder da informação (...). Por fim, as pesquisas de opinião não deixam de ser instrumento de ação política com funcionalidade própria e, de certa forma, atuam sobre a consciência política de uma ampla gama de eleitores.

Roberto B. Calazans é professor do Departamento de Economia da Unisinos

Imobiliária fundiária

Adão Pretto

O governo federal, com grande estardalhaço na imprensa, lançou o programa "Cédula da Terra", em parceria com o Banco Mundial. Não é novidade, pois semelhante projeto vem sendo aplicado na África, Ásia e outros países da América Latina. Trata-se, como quero expor aqui, da implantação da reforma agrária de mercado, tão cara aos neoliberais de plantão neste país. O programa "Cédula da Terra" é um financiamento da compra de terra, com recursos disponíveis de 150 milhões de dólares, com o fim único de acabar com o binômio desapropriação-assentamento, instrumento clássico de reforma agrária no mundo inteiro. Na verdade, o que quer o Banco Mundial e o governo federal, é alterar os princípios consagrados na Constituição Brasileira, que prevê o direito à propriedade, porém, submetido à função social. E isto foi obtido com muita luta e esforço dos democratas. O que vai acontecer é a criação de um novo mercado de terras. Serão disponibilizadas as piores terras, e será

buscado o melhor preço. O pobre colono que compra, vai tornar-se um refém do banco, endividado e sem condições de cultivar o lote em cooperativa ou associação. Além disso, espalha os assentamentos pelas regiões, individualizando-os, e dificultando a alocação de infra-estrutura. Engana-se quem pensa ser este um programa para melhorar a qualidade da reforma agrária. A reforma agrária só vai melhorar quando houver vontade política de enfrentar o latifúndio realizando uma reformulação fundiária, escolhendo áreas estratégicas e dotando-as de condições que emancipem o assentamento.

Dentre estas condições está o crédito de instalação, o Proceda, num valor justo e condizente com os desafios que o novo assentado terá pela frente. Assim se faz a emancipação dos assentamentos, dotando-os de assistência técnica, escola, atendimento à saúde para de fato, reformarmos o campo. As desapropriações são caras pois existe corrupção e superfaturamento, como foi provado no Estado

de Tocantins, por que pagam-se juros compensatórios a terras improdutivas, por que os Superintendentes Regionais do INCRA, na sua maioria afilhados políticos de deputados e governadores, não têm compromisso com a reforma agrária. É preciso urgência na desapropriação das terras improdutivas, as que agredem o meio ambiente, as que tem trabalho escravo ou servem ao plantio de substâncias psicotrópicas. O mecanismo de compra de terra já foi utilizado no RS, para solução de conflitos, mas ele traz em si o perigo de estarmos dando legalidade aos processos de grilagem de terras.

O discurso vigente é baratear a reforma agrária. Mas os custos sociais de seu histórico adiamento, são maiores e irreparáveis. Na prática, esta modalidade fará a transformação do INCRA numa grande Imobiliária Fundiária, servindo ao decadente latifúndio e abandonando o objetivo de realização da reforma agrária.

Adão Pretto é deputado federal